

Dia 21 de abril de 1960: Brasília, a capital no interior do Brasil, foi fundada. Na missa campal Juscelino, o fundador, chorou



Na inauguração, a cidade já tinha seu jornal: o CB

AUREA VARJÃO

Brasília estava pronta para ser inaugurada. A data determinada por Juscelino Kubitschek foi cumprida: 21 de abril de 1960. O presidente se despediu do Rio de Janeiro e, com sua família, partiu para a nova capital, no interior do país, no Planalto Central do Brasil.

No dia 20 de abril, já em Brasília, Juscelino recebeu as chaves da cidade, confeccionada em ouro, das mãos do presidente da Novacap, Israel Pinheiro. Em seu discurso, Juscelino disse: "Brasília só pode estar aí, como a vemos, e já deixando a entender o que será amanhã, porque a fé em Deus e no Brasil nos sustentou a todos nós, esta família aqui reunida, a vós todos, cidadãos, a que me orgulho de pertencer... Não vos esqueceria jamais, trabalhadores brasileiros de todas as categorias, a quem me sinto indissoluvelmente ligado. Eis o produto de nossas angústias, de nossos riscos e do suor de nossas lidas, eis a cidade que o extraordinário Lúcio Costa disse já nascer adulta. Com a maior humildade, voltado para a Cruz do Descobrimento e da Primeira Missa, que Portugal nos confiou para este dia solene, agradeço a Deus o que foi feito. "Os hotéis em Brasília estavam lotados, pessoas de todos os lugares queriam estar presentes na data da inauguração. Os operários davam os últimos retoques nas obras.

CORREIO BRAZILIENSE

Assis Chateaubriand havia prometido ao Presidente da República que a primeira edição do *Correio Brasiliense* estaria pronta no dia 21 de abril, junto com a inauguração da cidade. No livro "Brasília, Rainha do Planalto", Ofélia Monteiro diz: "O representante dos Diários Associados, João Calmon, tomou a peito o cumprimento de tal promessa. Para levar a cabo as obras necessárias, dividiu seu financiamento em duas partes. Ao então gerente Edison Cid Varella, incumbiu da realização e instalação do jornal. O financiamento da televisão ficou a cargo dos órgãos de Minas Gerais. A realização da obra coube a Nereu Bastos.

A inauguração do edifício-sede foi às 19:30 horas e a madrinha foi Sarah Kubitschek. Entre os presentes estavam o Cardeal Mota, João Calmon e José Maria Alkimim. Em seu discurso, Sarah Kubitschek disse: "Sei que toda a madrinha tem uma ligação espiritual no destino de seus afilhados. Para este afilhado de hoje, desejo que lute sempre pelo levantamento do nosso país, pela família brasileira, pelos ideais nobres, pela caridade e pela fraternidade humana. Ben-vindos pois este jovem jornal dos Diários Associados, meu afilhado, que, como de Brasília disse Lúcio Costa, já nasce adulto. Que Deus o inspire. "O Correio Brasiliense, conforme promessa de Assis Chateaubriand, teve sua primeira edição circulando no dia 21 de abril, data da inauguração de Brasília.

Os festejos de inauguração da cidade começaram à zero hora com uma missa campal celebrada pelo Legado Pontifício, o Cardeal Manuel Cerejeira. Em frente ao Palácio da Justiça, havia sido armado um altar para a missa. A cruz foi a mesma que, há mais de quatro séculos, tinha servido para a primeira missa no Brasil. O presidente JK confessou, em seu livro que não conseguiu conter a emoção: "Vivendo aquele tumulto de emoções, não conseguia desfazer um aperito que sentia na garganta, e que se refletia até na entonação da minha voz. Quando os ponteiros marcaram 20 minutos do dia 21 de abril, e vi o espetáculo de som

e cores que armara no céu, olhando em torno, via multidão contrita e com lágrimas nos olhos, não consegui me conter. Cobri o rosto com as mãos e, quando dei a fé de mim, as lágrimas corriam meus olhos."

As 8 horas do dia 21 de abril, o toque de alvorada despertou a população e a Banda Nacional foi hasteada com a Bandeira dos Fuzileiros Navais tocando o Hino Nacional. A próxima parte do programa foi a apresentação do Presidente da República das credenciais de cinqüenta e cinco embaixadores. Logo depois, a cerimônia da instalação do Arcebispo de Brasília, a cargo de D. José Newton, ex-arcebispo de Diamantina.

Uma reunião ministerial presidida por JK instalou oficialmente na nova capital o Poder Executivo. Na ocasião Juscelino solicitou que cada brasileiro explicasse a seus filhos o que estava sendo feito naquele momento pois "era sobretrado para eles que se erguia aquela cidade-síntese, prenúncio de uma revolução fecunda de prosperidade. Eles, sim, e não os que se encontravam presentes, é que haveriam de julgar no futuro." A próxima missão de JK foi a de presidir uma sessão conjunta no Congresso Nacional. A tarde houve uma parada militar com show da esquadrilha da fumaça e com o desfile de mais de cinco mil homens das três armas. Logo após houve um desfile de carros alegóricos, apresentação de escolas de samba e a Parada dos Candangos que passavam diante do palanque oficial em carros, bicicletas, escavadeiras, tratores e até guindastes.

No início da noite, um show de fogos de artifícios na plataforma rodoviária fez a festa popular. No Eixo Monumental foi improvisado um baile popular comandado pela Banda do Corpo de Bombeiros. E os cidadãos brincaram até o raiar do dia. Enquanto o povo brincava nas ruas, JK e Sarah recebiam nos salões do Palácio da Alvorada mais de três mil convidados numa festa de gala. Em seu livro JK diz: "Vivi naquele 21 de abril as maiores emoções de minha vida. O caminho, longamente trilhado a serviço de meu país, atingira uma eminência que me permitia ter uma visão de conjunto do que até então conseguira realizar. Parei para respirar pois a jornada fora áspera e incruenta. Afinal, naqueles últimos três anos, eu vivera, sonhara, comera e dormira em função de uma data: 21 de abril de 1960.

As festas continuaram, no dia 22 houve a abertura solene da Exposição de Metas, uma receção oferecida pelo Corpo Diplomático a JK e um concerto sinfônico. No dia 23 houve uma corrida internacional de automóveis, e um grande espetáculo simbolizando a mudança da Capital, desde Porto Seguro até Brasília. Os ideais dos Inconfidentes, as pregações de Hipólito José da Costa, a visão de Dom Bosco tiveram ressonância na vida política de Juscelino Kubitschek, o fundador de Brasília, uma capital no interior do Brasil.

Brasília completa vinte anos e ainda há muito para fazer, muito para criar e mudar e quem fará isso são os que aqui nascem ou que adotaram a cidade como sua terra. Brasília foi construída com muita luta e a batalha continua.

NOTA - As obras consultadas nessa pesquisa foram: "Mudança da Capital", de Adirson Vasconcelos; "Por que construi Brasília", de Juscelino Kubitschek; "Brasília, Rainha do Planalto, de Ofélia Monteiro e "História de Brasília", de E.D'Almeida Vitor. As fotos são do arquivo do CB.

HISTÓRIA OU ESTÓRIA

Os operários estavam terminando o prédio do Supremo Tribunal Federal e o seu, presidente já estava inaugurando. As últimas horas foram dramáticas pelo menos para se abrir o caminho por onde passariam as autoridades. Barros Barreto, seu presidente, fora contra a mudança, mas depois de ser vencido, arreganhou as mangas e fez todo mundo se transferir para Brasília. Faltavam poucas horas para chegar os convidados e Walter Galante estava estendendo tapetes, colocando carpetes. Era um desencontro total. Ninguém se entendia e as coisas iam ficando prontas sem ninguém saber como. Quando o presidente entra num salão, encontra Walter Galante com um problema difícil. O tapete enviado estava com as medidas erradas e não dava para a sala toda. O presidente entra na sala, toma conhecimento do problema e se dirige para Galante com o dedo em riste: "Você é um irresponsável". Não cabia discutir. Não havia condição de diálogo. Walter Galante interrompe a indignação do presidente com a explicação de que as medidas vieram mais curtas. "Arranje um

móvel para aqui, presidente, que o tapete dá. Arranje um móvel que a coisa vai." E foi o próprio presidente Barros Barreto quem subiu os andares em busca de um móvel daquele tamanho. Encontrou um armário. Até hoje está lá.

Na construção de Brasília, os cidadãos vinham do Norte, trabalhavam em sua maioria no campo. A chegada começava como serventes, nas construções. Depois, conforme as necessidades dos acampamentos, eles iam se familiarizando com os outros meios de trabalho. Assim é que quando um cidadão ia à Cidade Livre (Núcleo Bandeirante) comprava um martelo, um cinto com o porta-pregos, um serrão e se apresentava como um profissional. Lá dentro ia aprender. No Hotel Nacional, um dia em seguida à inauguração, José Tjours chegou a um funcionário do almoxarifado, de origem nordestina, e perguntou-lhe quantos pés tinha aquela geladeira em frente. O rapaz juntou pé-antepé e andou de um lado para outro da geladeira: "Quatro, seu José". Foram suas últimas palavras no emprego.